

autoridade dada por Deus. Aquele que e verdadeiramente obediente descobrirá que a autoridade de Deus se encontra em todas as circunstâncias, no lar, e em outras instituições. Deus perguntou: "Como, pois, não temeste falar contra o meu servo?" É preciso prestar atenção especial sempre que palavras injuriosas forem enunciadas. Palavras tais não devem ser pronunciadas levemente. A injúria é prova de que há um espírito rebelde dentro da pessoa; é o germe da rebeldia. Temos de temer a Deus e não devemos falar levemente. Mas existem hoje em dia aqueles que falam dos anciãos da igreja e daqueles que estão acima deles, não percebem a gravidade de tais palavras. Quando a igreja for reavivada na graça de Deus, aqueles que ofenderam serão tratados como leprosos.

2023

Que Deus nos conceda a graça de compreender que isto não se refere aos nossos irmãos, mas a autoridade instituída por Deus. Depois de reconhecermos a autoridade, perceberemos como pecamos contra Deus. Esse conceito de pecado passará por uma transformação drástica. Olharemos para Deus e ele nos olha. Veremos que o pecado que Deus condena é o da rebeldia do homem.

**afeto, asilo e  
desobediência:  
as três virtudes  
para ensinar arte**

5. A REBELIAO DE CORE,  
DATÃ E ABIRÃO

**Mailson Fantinel**

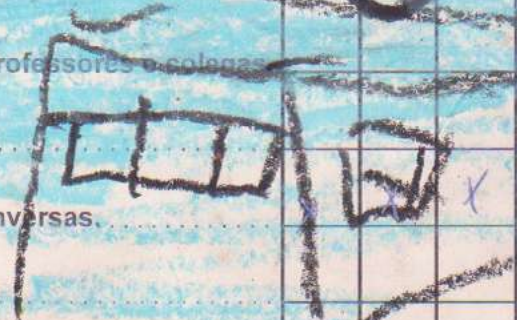
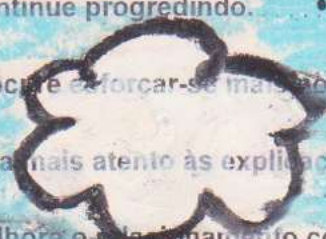
Um exemplo de rebelião coletiva encontra-se no capítulo 16 de Números. Coré e seus companheiros pertenciam aos levitas; portanto, re-

# RECOMENDA-SE QUE O ALUNO

1º BIM.	2º BIM.	3º BIM.
---------	---------	---------

- 01 - Continue progredindo.
- 02 - Procure esforçar-se mais nos estudos.
- 03 - Seja mais atento às explicações.
- 04 - Melhore o relacionamento com professores e colegas.
- 05 - Realize sempre suas tarefas.
- 06 - Não perturbe os colegas com conversas.
- 07 - Seja assíduo.
- 08 - Seja pontual.
- 09 - Participe ativamente das aulas e atividades.
- 10 - Recupere as disciplinas com notas abaixo da média.
- 11 - Melhore totalmente sua atitude em classe.
- 12 - Seja mais frequente às aulas de Educação Física.

X X X



**APOIO:**

**ARROZ**

**LEÃO**

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS

# SÃO PATRÍCIO

ITAQUI - RS

## BOLETIM ESCOLAR

ANO LETIVO DE 19...97.



Nome: MAILSON FANTINEL D'Avila N° 12

Grau: 1º Série: 4ª

Turma: 42 Turno da: Tarde



Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Artes  
Departamento de Artes Visuais  
Licenciatura em Artes Visuais

**Afeto, asilo e desobediência:  
as três virtudes para ensinar arte**

Maílson Fantinel D'Ávila

Porto Alegre  
2023



Maílson Fantinel D'Ávila

**Afeto, asilo e desobediência:  
as três virtudes para ensinar arte**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial  
e final para a obtenção do título de  
licenciado em Artes Visuais pela  
Universidade Federal do Rio Grande  
do Sul.

Orientação:  
Prof. Dr. Carusto Camargo  
(DAV/IA/UFRGS)

Banca examinadora:  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Aline Nunes Da Rosa  
(DAV/IA/UFRGS)  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Claudia Vicari Zanatta  
(DAV/IA/UFRGS)

Porto Alegre  
2023

# prólogo



*Dentro de mim vive um forasteiro de cascos duros e ligeiros  
Ele tem as pernas peludas e um par de chifres vermelhos  
Digo forasteiro, porque ainda há pouco tempo não sabia que esse  
estrangeiro me habitava  
Ele vive no corpo que chama casa o qual eu visto a carcaça e faço  
dele meu lar*



**aos meus mestres  
vivos e aos mortos**

**resumo**

**abstract**

Este trabalho está organizado em formato de livro de artista. Ele documenta em uma narrativa poética meus aprendizados na jornada de me tornar docente em artes visuais. Tomando como partida as três virtudes divinas do texto do apóstolo Paulo (1Cor 13:13): fé, esperança e amor. Apresento a minha versão das virtudes: afeto, asilo e desobediência, como as diretrizes da minha formação dentro da academia e fora dela.

**palavras- chave:** arte, educação, livro de artista, RPG

This work is organized in an artist's book format. It documents in a poetic narrative my learnings on the journey of becoming a teacher in visual arts. Taking as a starting point the three divine virtues of the text of the Apostle Paul (1Cor 13:13): faith, hope and love. I present my version of the virtues: affection, asylum and disobedience, as the guidelines for my training inside and outside the academy.

**keywords:** art, education, artist book, RPG

## **sumário**

**introdução 17**

**segunda parte: o diabo & o mestre 31**

**terceira parte: afeto, asilo e desobediência 57**

**quarta parte: mate os mestres 69**

**epílogo 85**

**lista de imagens 86**

**referências bibliográficas 92**





# introdução

No final do ano de 2019 me inscrevi no edital de ocupação do centro cultural da UFRGS para realizar minha terceira exposição individual com a intenção de articular a mostra com meu trabalho de conclusão de curso na Licenciatura de Artes Visuais. Devido à pandemia do covid-19, tivemos atividades suspensas em todos setores, a UFRGS migrou para o modelo de ensino remoto emergencial e eu entrava no limbo das ideias fragmentadas e na incapacidade de dar conta das minhas demandas. Por essa razão busquei refúgio na casa dos meus pais no interior do estado onde nasci, por alguns meses.

Eu perdi meu propósito, não sabia mais a relevância da minha produção e tentava articular uma proposta de trabalho de conclusão que equivalesse a exposição que não iria acontecer sobre a forma de um material didático. Isso porque minha vivência de educador em artes muito se deu nos educativos de museus; primeiro na XVIII Bienal do Mercosul, depois na Fundação Iberê Camargo e mais tarde na exposição temporária do Museu do Futebol em visita a Porto Alegre.

Contudo, eu não conseguia visualizar o trabalho de conclusão, sentia-me frustrado e me refugiava produzindo mais trabalhos na tentativa que eles respondessem a minha urgência. Os desenhos surgiam vorazes nas páginas do livro *Autoridade Espiritual* que eu encontrei num *container* de lixo, dias antes de entrarmos no confinamento com propósito de diminuir o contágio da doença. Uni eles aos textos que escrevia sobre minha relação com arte e religiosidade e como isso implicava na minha escolha ou vocação para a docência. A única coisa que cheguei a conclusão é que não fazia sentido ser artista sem ser também professor, mas isso já era ideia recorrente das experiências como educador nos museus.



Eu estava cansado de ficar na frente das telas, fazendo um estágio em modelo remoto, sem escola, sem estudantes. As perspectivas de voltar a realidade de antes da pandemia cada vez eram menores frente ao pesadelo neoliberal que é a realidade no Brasil. Eu buscava refúgio no meu corpo-casa que é o meu principal abrigo.

Os pensamentos  
que me acompanham  
em movimento



Nos finais de tarde eu subia na bicicleta e rodava alguns quilômetros. Diferente de pedalar na capital, no interior eu deixava de me preocupar com o trânsito intenso e me deixava ser invadido pelo horizonte infinito, os acasos me atravessavam e eu os registrava em fotografias, pensava no meu trabalho ao mesmo tempo que era invadido pela nostalgia de passar por lugares afetuosos como as escolas que estudei, a esquina que encontrava os amigos e o cemitério que guarda os restos dos meus antepassados.

Na paisagem do pampa, eu pendurava meu tecido vermelho para treinar acrobacia, revisava os exercícios de força e flexibilidade enquanto ouvia o rebuliço das cocotas nos eucaliptos, vez ou outra acenava para um cavaleiro solitário que recolhia os cavalos que pastavam perto.

As frases que escrevo  
com meu corpo enquanto  
danço



Os questionamentos se desdobravam em novos trabalhos, mas me sentia cada vez mais afastado do ofício de professor a não ser pelas brincadeiras criativas que realizava com meu sobrinho pequeno, entre desenhos e cerâmicas discutimos diversos assuntos, criamos personagens e ficamos de cabeça para baixo ao ar livre. Cada vez menos eu queria voltar para cidade grande.

As ideias que  
surgem de  
cabeça para baixo

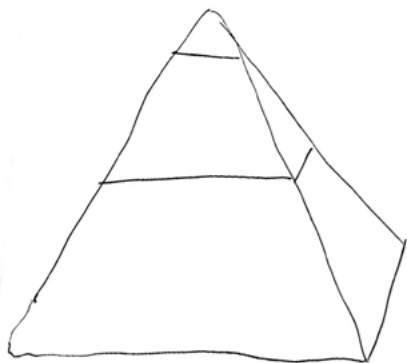


Desde 2013 iniciei uma jornada de oficinas e estudos em dança contemporânea, teatro físico e mais tarde passei a fazer aulas de dança aérea no tecido. Antes disso eu era um adulto sedentário e sem predisposição nenhuma para atividades físicas, foi pela delicada condução dos meus mestres que eu descobri a potencialidade do meu gesto além do papel, criei coragem para subir ao alto e quis seguir o caminho da docência influenciado pelo exemplo dos meus educadores.

Eu precisei voltar para a capital para trabalhar, porque não sou artista herdeiro e coagido pela nossa necropolítica que incentivou uma retomada econômica no meio de uma crise sanitária algumas atividades passaram a acontecer presencialmente. Foi quando eu iniciei uma oficina para o público infantil de modo presencial, na mesma escola de circo onde treino e faço parte do núcleo de pesquisa artística, o Circo Híbrido.

A ideia era juntar em uma oficina atividades de movimento, circo e artes visuais. O *picadeiro do imaginário* é minha identidade como educador de arte uma assemblage de minhas competências como artista multidisciplinar com o quê me é mais afetuoso: estar em contato com as potencialidades da infância. Esse trabalho segue os moldes do meu texto *O tempo da natureza não pertence aos homens*, bem como o trabalho de conclusão de curso da ocasião.

Posso dizer que aqui o *Diabo* representa os aspectos mais selvagens da vontade, a experiência através da vivência, o caos. Já o *Mestre* aparece como a escuta sensível, aquele que conduz de um potencial para o outro, um incentivador da descoberta. Pois bem, essa história vai nos levar a conhecer as três virtudes que acredito que na minha jornada como educador foram meu maior aprendizado sobre ser artista e professor.



— artistas que vivem  
do seu trabalho

— artistas vendidos

— artistas pobres  
trabalhando na lógica  
neoliberal de consumo  
instantâneo



artistas pobres  
trabalhando na lógica  
neoliberal de consumo  
instantâneo



**PRIMEIRA PARTE**

**AUTORIDADE E SUBMISSÃO**



*A peregrinação é uma virtude e isso nos fazia acordar cedo para aquelas caminhadas dominicais. Uma procissão demorada que fazíamos cantando velhas conhecidas canções no idioma dos nossos ancestrais, que nos eram ensinadas geração a geração. Vestíamos nossos melhores trajes para aquele encontro, nada era mais importante.*

*Em grupo, num estado meditativo nós nos deslocamos, por vezes em silêncio contemplativo, ouvimos os sons dos pássaros, o vento e o farfalhar das árvores, o correr do rio. A natureza é a moldura dessa jornada.*

*A oração era uma prática diária na casa, novenas eram realizadas em coletivo, o terço era rezado rigorosamente à beira do fogo ou já no leito antes do adormecer.*

*A igreja era o centro da vida.*

*No nosso percurso andávamos descalços e por isso sentíamos as pequenas pedras arredondadas da estrada de chão batido, tomávamos o devido cuidado de desviar das poças de lama que poderiam porventura sujar nossas vestes, a mesma cautela era tomada ao atravessar as cercas de arame farpado que poderiam rasgar a roupa ou ferir a pele.*

*Com os sapatos nas mãos e intactos até chegar à fonte, onde nossos pés seriam devidamente lavados e finalmente calçados. Estaríamos, enfim, prontos para entrar na casa do senhor, nosso destino, a santa missa.*

*Contudo era quando a celebração acabava que podíamos desbravar aquele ambiente delicadamente iluminado pelas cores dos vitrais, a luz provém das imagens que remetem ao divino, aos sacramentos.*

*Uma torre alta onde os pombos fazem ninhos, mas também onde fica o sino que ouvimos tocar antes de cada celebração. Bem ao fundo, longe do altar principal, a imagem em tamanho natural do Cristo morto jaz num sepulcro transparente.*





princípios extremadamente  
*arte*  
A **obediência** é mais importante que o trabalho

Para que se sirva a Deus, a sujeição à autoridade é uma necessidade absoluta. A obediência transcende nosso trabalho. Se Davi reinasse mas fracassasse em sujeitar-se à autoridade de Deus, teria sido tão inútil quanto Saul. O mesmo princípio de rebeldia opera no Saul do

Agrada-me pensar que o desenho, a escrita e a dança são atributos que nos fazem ser bicho homem e, por isso, representam tanto nossa identidade. São nossa caligrafia em gesto seja no papel como um risco, seja no espaço como uma pirueta. São maneiras de se relacionar com o mundo e disso as crianças entendem como ninguém.

*A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.<sup>1</sup>*



1 BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478.





Alguns exemplos de  
Mortos vivos popularmente  
conhecidos:



Vampiro



Fantasma



Esqueleto



Zumbi





## segunda parte: o diabo & o mestre

A imaginação foi meu primeiro super poder, ela era o combustível da minha vontade em me mover. No quintal de casa ou ao ar livre no campo, eu corria, saltava e dava cambalhotas, tudo ao mesmo tempo, em que conjurava feitiços para atingir vilões e monstros inventados ou extraídos dos desenhos animados e filmes que consumia através da televisão.

Relacionava-me com o mundo dessa maneira, quando brincava em casa, em diferentes cômodos eu criava reinos, paisagens, rios e montanhas. Para então povoar com meu corpo criando personagens: heróis, reis, deuses e vilões. Guardava meus apetrechos, brinquedos em um balaio de vime digo porque a mesma medida que carregava bonecos de plástico, também portava pedras, ossos e galhos de árvore.

Os galhos secos estavam por toda parte, o acesso a eles sempre me deixou em um estado naturalmente lúdico, eu imaginava espadas e cajados mágicos, desenhava círculos no ar e cruzava o espaço com golpes ao enfrentar monstros mitológicos ou animais selvagens em fúria. Fazia sons e dava textos de clamor empunhando uma espa-

teralmente a própria vida de nossa carne! Por isso há duas categorias de cristãos: aqueles que vivem no nível da razão e aqueles que vivem no nível da autoridade.

Vamos fazer a pergunta: Onde estamos vivendo hoje? Quando recebemos uma ordem de Deus, será que paramos para examinar a questão e ver se existem motivos suficientes para fazer aquilo? Oh! Isto não passa de uma manifestação da árvore do conhecimento do bem e do mal. O fruto dessa árvore governa não só nossos negócios pessoais, mas até mesmo as coisas resolvidas por Deus têm de passar através de nossa razão e julgamento. Pensamos por Deus e decidimos o que Deus deveria pensar. Sem dúvida este princípio de tantas posições não deseja ser igual a Deus? Todos aqueles que realmente conhecem Deus obedecem a ele sem argumentação. Não há possibilidade de misturar a razão com a obediência. Se alguém deseja aprender a obediência tem de deixar de lado a razão. Ou viverá pela autoridade de Deus ou pela razão humana — é absolutamente impossível viver através de ambas.

A vida terrena do Senhor Jesus foi totalmente acima da razão. Que razão poderia haver para a desgraça, os açoites e a crucificação que ele sofreu? Mas ele submeteu-se à autoridade de Deus; ele nem sequer argumentou ou perguntou; ele só obedeceu! Viver sob o domínio da razão é tão complicado! Pense nas aves do ar e nos lírios do campo. Com que simplicidade eles vivem! Quanto mais nos submetemos à autoridade, mais simples nossas vidas se tornam.



## Deus jamais argumenta

Em Romanos 9, Paulo provou aos judeus que Deus também chama os gentios. Ele dá a entender que dos descendentes de Abraão só Isaque foi escolhido e da semente de Isaque só Jacó foi escolhido. Tudo está de acordo com a eleição de Deus. Portanto, por que Deus não deveria escolher os gentios? Ele pode exercer misericórdia com quem ele quiser e ter compaixão de quem quiser. Ele ama o Jacó traçoeiro e odia o Esaú honesto (pelo menos é o que os homens supõem). Ele até endurece o coração de Faraó. Será que é injusto por causa disso? Mas Deus está assentado no trono da glória acima dos anjos, destes e dos sujeitos à sua autoridade. Quem são eles, para se pôr, para argumentar com Deus?

Ele é Deus e tem autoridade para fazer o que deseja. Não podemos segui-lo de um lado e, do outro, exigir a revelação dos motivos. Se quisermos servi-lo, não devemos argumentar. Todos aqueles que se encontram com Deus têm de jogar fora o seu raciocínio. Temos de permanecer tão-somente no solo da obediência. Não vamos interferir através de nossos argumentos, tentando ser conselheiros de Deus. Vamos ouvir o que Deus declara: "Terei misericórdia de quem me aprovar ter misericórdia." Quão preciosa é a palavra "vontade"! Vamos adorar a Deus. Ele jamais argumenta; ele simplesmente faz o que deseja fazer. Ele é o Deus da glória. Paulo também atesta: "Assim, pois, não depende de quem quer, ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia. Porque a Escritura diz a Faraó: Para isto mesmo te levantei, para mostrar em ti o meu poder, e

da-galho, performando como um cavaleiro ou era um mago terrível lançando uma poderosa maldição para reanimar os mortos.

Na escola era a mesma energia caótica que me acompanhava, enquanto me relacionava com aquele espaço. A educação era rigorosa, havia normas e protocolos, como rezar um “Pai Nosso” antes da primeira aula começar. Os quinze minutos de intervalo por dia eram tempo o suficiente para se erguer um império ou acabar com um tirano.

Durante as aulas o ruído era constante, assim como as guerras por território ou por atenção. A escola era espaço do Estado, mas a educação era católica e a submissão era exigência.

Conforme eu crescia e meu corpo mudava fui deixando de sentir vontade de me movimentar. Um sentimento de vergonha e julgamento aliado às mudanças hormonais de ser adolescente me impediam de existir por inteiro, eu me achava desengonçado, esquisito e não me sentia confortável com meu próprio corpo.

O mesmo aconteceu com meus desenhos, as páginas que antes eram inteiramente preenchidas por personagens e suas histórias se transformaram em pequenas notas de rodapé, desenhos minúsculos em meio a tarefas escolares. O senso de comparação com os desenhos dos colegas da escola, que eram capazes de reproduzir personagens de revistas em quadrinhos, eram o suficiente para eu julgar minha habilidade de desenho inferior ou infantil.

A imaginação nunca deixou de me fazer companhia, ao contrário do movimento e do desenho, coisas que eu deixei de lado por um tempo. Ao conhecer o mundo dos jogos de RPG de mesa, a minha imaginação ganhou aliados aventureiros para existir de uma maneira cada vez mais selvagem. Com os jogos era possível explorar mundos desconhecidos, existir em outros personagens, construir ficções em grupo. Passei a me interessar mais por histó-

ria, mitologia e literatura na vida escolar. Muito antes de participar de um seminário para alguma disciplina na faculdade, tive essa experiência com um grupo de adolescentes durante alguns dias para aprender muitas regras para só então jogar uma aventura de *Dungeons and Dragons (D&D)*.

O D&D é um jogo de imaginação, onde você participa de aventuras fabulosas e missões arriscadas assumindo o papel de um herói – um personagem criado por você. Seu personagem pode ser um guerreiro musculoso ou um ladino perspicaz, um clérigo dedicado ou um mago poderosíssimo. Ao lado de alguns amigos de confiança, ele irá explorar ruínas e masmorras repletas de monstros em busca de riquezas e glória.<sup>2</sup>

Um RPG não é um jogo no sentido lato, é um método para criação de histórias dentro de universos ficcionais que vão sendo explorados coletivamente. As pequenas e grandes batalhas, as verdadeiras emoções, se dão no desenrolar de uma história, uma aventura, criada e vivida pelo grupo de jogadores. É no desenrolar destas histórias que surgem as derrotas e vitórias, altos e baixos que somados ao fim garantem ao participante a satisfação de ter atuado como um viajante dos caminhos que a imaginação da equipe resolveu trilhar.<sup>3</sup>

---

2 Cook Monte pg 4

3 Steve Jackson pg 3.



*Eram férias de inverno e saímos para um passeio em um grupo logo depois de almoçar, estavam presentes alguns adultos e outras crianças, andamos por alguns quarteirões com intuito de uma visita a um terreno antes baldio na cidade onde agora estava um circo de lona instalado. Durante a noite realizavam espetáculos e durante o dia o circo era frequentado como zoológico para os curiosos com os animais.*

*Meu pai sempre gostou de nos levar para ver o circo, talvez por ter sido privado de vivenciar isso na infância humilde, ele era um ferrenho espectador, fazia questão de assistir do melhor lugar que conseguisse se acomodar e ainda incentivava nossa participação sempre que era solicitado uma voluntário da platéia.*

*Naquela ocasião o circo não era tão grandioso em atrações, mas possuía um vasto número de animais, atrás da lona grande algumas gaiolas exibiam pavões, um macho completamente branco com um par de olhos vermelhos foi o que mais me chamou a atenção. Macacos pequenos faziam algazarra em outra gaiola e o chimpanzé que víamos no espetáculo um tanto mais distante, isolado.*

*Também alguns pôneis em um estábulo improvisado, dois vermelhos terracota e um grisalho de franja bagunçada, outros maiores manchados como se alguém sacudisse um pincel com tinta preta sobre seus lombos brancos. Em uma jaula grande, ficava uma família de leões: machos e fêmeas, em torno de meia dúzia, alguns jovens, outros já visivelmente banguelas .*

*Nós já havíamos assistido ao espetáculo, eu inclusive junto de outras crianças, ao convite do domador de feras, tocamos o pelo da macaca, fazendo carinho, como ato de encerramento do número que faziam. Na sequência rasgavam o céu os trapezistas balançando e saltando para encontrar as mãos firmes do parceiro que de ponta cabeça os seguravam para que não caíssem no chão.*

*As crianças mais velhas diziam que os donos do circo aceitavam ofertas de gatos para alimentar as feras africanas em troca de cortesias para assistir ao show. O cheiro do zoológico era bem diferente do cheiro da tenda à noite, talvez pela ausência do aroma da pipoca e o caramelo avermelhado adocicado das maçãs do amor, em vez disso o fedor do esterco predominava nos comedouros dos macacos, as frutas que não eram comidas apodreciam em pilhas.*

*No lado de fora daquilo o céu azul ainda reinava, deixei meu grupo de adultos quando me desinteressei pelos animais e perto da grade de entrada encontrei um galho grande, retorcido e muito ramificado. Resolvi arrastar ele pelo caminho de volta para casa, segurei pela extremidade mais resistente e iniciei o trajeto seguido de longe pelos adultos e mais de perto por algumas das crianças mais velhas.*

*Meu irmão achou que seria uma ideia divertida pisar no galho enquanto eu o arrastava importunando minha brincadeira e repetiu isso algumas vezes enquanto me provocava com suas gracinhas. Com o fracasso da tentativa ele resolveu partir o galho ao meio. Nesse instante fui tomado pela fúria, ele se afastou gesticulando com o pedaço partido enquanto eu segurava o outro, eu ouvi a voz dos adultos condenando a atitude dele, longe, quase como um sussurro, mas já era tarde demais, arremessei o galho em direção da cabeça de meu irmão mais velho e o atingi em cheio no olho esquerdo.*

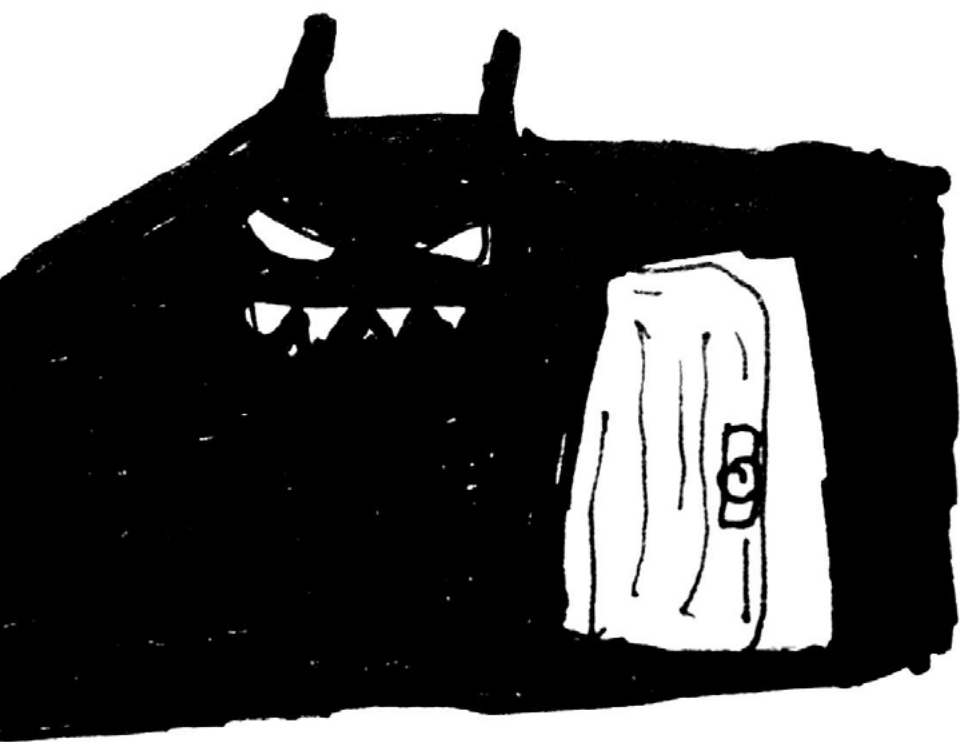
*Ele me assombrava já  
faz tempo*





Começou no corredor  
comprido de casa









depois passou a morar  
de baixo da cama

Teve um dia que  
perdi a paciência...

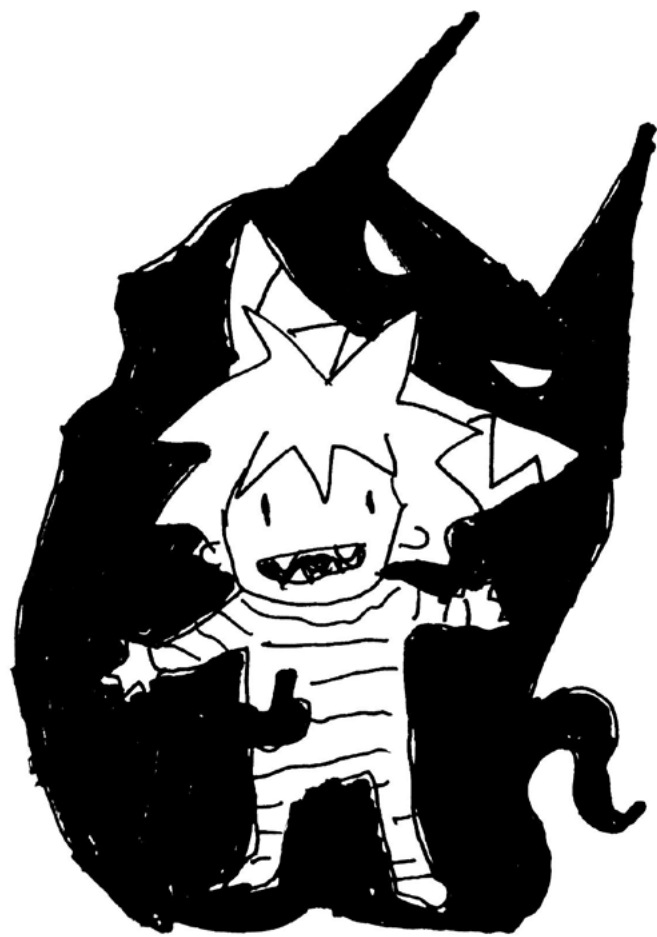
- Oi, quer brincar?



¿Pueden ser meu amigo?



- Querer





Nunca mais nos separamos  
desde então



Quando adulto na graduação de Artes Visuais, eu me sentia mais à vontade de experimentar pesquisas na escultura e na fotografia, o desenho voltou a fazer parte da minha rotina, mas ele era uma prática que ficava confinada nos meus cadernos de artista. No final da graduação uma urgência por pesquisar o movimento me fez vivenciar oficinas de dança contemporânea e os desenhos confinados foram libertos e se tornaram o refúgio do trabalho de conclusão que eu escrevia na época.

A dança libertou meu gesto assim como a conclusão da graduação me deu ímpeto de imbuir a minha existência na minha poética de artista. Assim recebi de braços abertos o forasteiro para em meu corpo-casa fazer lar. Em um dado momento o circo atravessou minha jornada enquanto artista e pesquisador e isso foi logo quando iniciei os estudos na licenciatura de Artes Visuais.

Se o escuro não me incomoda não posso fazer a mesma afirmação sobre a altura, ela é o monstro que me deixa paralisado. Conviver com ela foi possível à medida que ganhei força e destreza, elas foram as ferramentas aliadas para conquistar a coragem, que eu entendi ao longo do processo como um super poder que se constrói em bando.

A jornada de me tornar docente em artes visuais começou antes da volta à academia de artes, ela iniciou nos museus onde trabalhei em várias ocasiões como educador, conduzir grupos por um passeio pelo espaço expositivo e propor uma experiência que fosse algo para além de ver obras de arte era minha função, além de pensar materiais didáticos e oficinas para os visitantes.

Ocupar o lugar de mediador modificou a maneira de pensar minha produção pessoal e sua relação com o público, percebi que a academia de artes tinha deixado o narcisismo tomar conta do meu discurso e isso me fazia ser ignorante à percepção alheia quando entrava em contato com uma obra de arte, ignorando as vivências daquele indivíduo e suas particularidades.

Pensei no RPG, o qual encontrei no início do ensino médio na escola, que além de ser um jogo de interpretação de personagens a ferramenta também se propõe a ser um exercício de construir uma narrativa em conjunto, coletivamente. Um jogo sem vencedores ou perdedores, um jogo de contar histórias e um território de acolhimento, para além da igreja que frequentei desde muito cedo, foi meu primeiro contato com o mundo da arte, da ficção e da literatura.

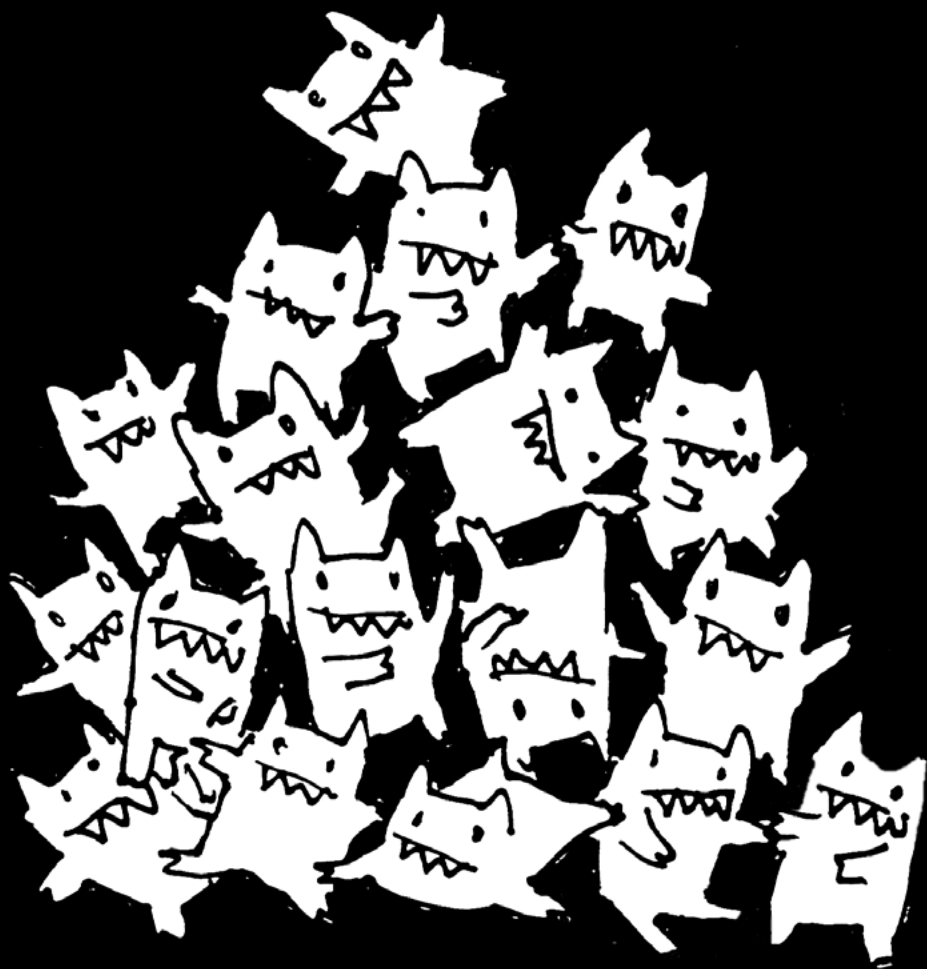
Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade.<sup>4</sup>

De volta a academia de artes, tive as primeiras experiências em ser educador em contexto escolar, em um espaço de educação da rede municipal em período de contraturno, trabalhei em duas escolas, ambas em zonas periféricas. Aconteceu que nos dois espaços escolares a violência era a linguagem da comunicação entre os estudantes.

Eu sempre fui atraído por imagens que remetem à violência como uma manifestação estética como nas cenas de martírios retratadas nas pinturas do barroco ou mesmo nas fotografias e nos vídeos de vida selvagem de predadores e presas que consumo na internet. Contudo, eu ainda não havia me deparado com aquele tipo de realidade. Os *diabos* estavam em conflito todo o tempo, por qualquer razão, usavam as garras para agarrar e arranhar, desferiram golpes uns nos outros, jogavam livros, qualquer objeto era arma em potencial. A boca só comunicava aos gritos, vociferava ofensas de todo tipo ou mordida a carne mais perto.

---

4 Freire Paulo pg 23



Eles eram exatamente como as personagens que existiam nos meus desenhos, eu percebi que para me comunicar com eles precisava me tornar um deles, inserir-me naquele contexto, naquele mundo, aventurar-me.

Assim eu criei um personagem para me representar nessa função: o *mestre*, ele é um diabo com o ofício de feiticeiro, um conjurador que opera no caos e do caos consegue extrair a mágica. Na minha vida escolar no passado eu também fui um dos *diabos* e talvez por essa razão eu consiga me comunicar tão bem com eles, oferecer afeto, asilo e acolher a desobediência.

Um dos jogadores será o Mestre, que controlará os monstros e inimigos, descreverá o ambiente, julgará as ações com base nas regras e criará as aventuras. Juntos, o Mestre e os jogadores são responsáveis pelo jogo.<sup>5</sup>

---

5 Cook Monte pg 4.



*O caos reina, mas só a uma olhada breve.*

*Com atenção devida reconheço os trajetos desenhados pelas corridas, estão fugindo, espalhando-se e ignorando a presença dos outros, logo existe um pegador e, em algum lugar, um ferrolho. Grupos de diabos se reúnem em bandos pequenos, os maiores reinam sobre os menores que ficam confinados nos domínios próximo do parquinho, lá alguns se penduram, outros giram e balançam.*

*Fazem filas para subir as escadas e descer a rampa do escorregador. Um conjunto faz barulho enquanto pula amarelinha. Um diabo solitário perto termina um lanche, que logo lhe é tomado por um diabo maior em fuga. Logo no portão perto do chão de concreto um grupo mais eufórico aposta figurinhas jogando bafo, as figurinhas voam atravessadas pela corrida de um diabo habilidoso que salta para no ar pegar uma bola.*

*Alguns conflitos, gritaria e música provindo de algum lugar são a tripla sonora dessa paisagem. Nas quadras alguns praticam esportes e outros em coletivos menores assistem e confraternizam. Há ainda os que escolhem tentar escalar a tela de ferro que cerca esse espaço como se quisessem chegar ao topo de um abismo.*

*Um conjunto dança animado uma coreografia ensaiada do funk que toca nas caixas de som, outro conjunto avança com olhar repreensivo e em minha direção.*

*Isso que eles estão fazendo não é de Deus, diz um deles.*

*E nem tudo precisa ser, eu respondo.*

*Um som alto de sirene ecoa pelo espaço, os grupos começam o movimento massivo de se dissipar novamente em direção às salas de aula, o tempo acabou.*



## CAPÍTULO 4

Ele sabia muito era  
arremunhar pedras.

### O conhecimento que Davi tinha da autoridade

Então os homens de Davi lhe disseram:  
Hoje é o dia, do qual o Senhor te disse:  
Eis que te entregarei nas mãos o teu inimigo e  
far-lhe-ás o que quiseres. Levantou-se  
e furtivamente tirou a ponta do manto  
e a lançou contra o rosto de Acis. Acis sentiu

Davi lançou a mão contra ele, por  
24:4-6).

Davi porém não matou Acis, porque  
contém a vida. ... O Senhor me guarda  
a mão contra o seu ungido (2 Sm. 19, 14).

Davi lhe disse: Como não te contiver a  
mão para matares o ungido do Senhor?  
(2 Sm. 1:14).







## terceira parte: afeto, asilo e desobediência

Do corpo vem os movimentos, os sons e os gestos, ele é a matéria-prima da produção de qualquer linguagem de arte que os humanos produzem. Entendi que para criar uma aula de artes visuais atrativa para os *diabos* eu precisava dar atenção ao corpo, como ele se mexe, que formas ele cria e qual é o seu discurso.

Nosso corpo é um processo. Sua estrutura tem um modo de pensar, de sentir, de perceber e de organizar suas experiências, um modo inato de formar respostas. Sendo criaturas corporificadas, poderíamos dizer que o nosso corpo é o nosso destino. Você pode se revoltar contra o seu destino ou tentar compreendê-lo e vivê-lo de forma significativa.<sup>6</sup>

A afeição no contato com os *diabos* por meio das vivências no espaço da aprendizagem se manifesta de maneiras muito genuínas. Os pequenos não poupam esforços para demonstrar o **afeto** da forma mais sincera que conhecem. Entre os pares se identificam por

---

6 Keleman, Stanley pg 33.

gostos, parecenças ou qualquer semelhança que achem relevante. Com o *mestre*, distribuem abraços, palavras gentis, também presenteiam com desenhos e bilhetes.

Isso foi o que me cativou em estar em contato com a infância logo nas primeiras experiências como docente, demorei a conseguir me visualizar no lugar de professor, em parte porque herdei o preconceito de alguns mestres na academia de Artes que viam a licenciatura como um lugar inferior. Em contraponto, percebi pelas experiências que vivenciei a importância de ocupar o lugar de professor. Autorizar dissidências, permitir existências plurais e conduzir de um potencial ao outro. Essa era a minha aula de artes visuais, minha maneira de manipular o caos.

Os feiticeiros criam a magia da mesma forma que os poetas criam as poesias, com um talento inato aperfeiçoado com a prática. Eles não possuem livros, mentores, nem teorias – apenas um poder bruto que canalizam através da sua vontade.<sup>7</sup>

As vitórias eram poucas nos cinquenta minutos que durava meu período, às vezes eu conseguia fazer a chamada e logo em seguida tinha que separar *diabos* em fúria brigando pelo porte de um giz de cera azul. Ao passo que era surpreendido pelo súbito interesse da turma inteira em desenhar animais. Gradativamente eu achava brechas para inserir o corpo como um assunto nas práticas de arte.

Qual som os bichos fazem? Como eles se movimentam no espaço?



---

7 COOK Monte pg 33





A escola era um mundo hostil e a aventura do *Mestre* naquele espaço não se sustentou por muito tempo, não pelos *diabos*, não me entendam mal. Eles são umas gracinhas. Foi a ausência dos aliados que ocasionou minha derrota.

Dessa experiência levei muito comigo e deixei um tanto também. Contudo, eu estava exaurido em meu físico e emocional, precisava me recuperar para entender melhor como formular essa estrutura que era a disciplina de artes visuais, como colocar minha assinatura pessoal nisso e como usar meus super poderes.



A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não há essa curiosidade sem a curiosidade que nos move e que nos põe desalentadamente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos.

Como manifestação presente à experiência vital, a curiosidade humana em seu sentido estético e social que constitui e reconstrói. Precisamente porque a promoção da ingenuidade para a criticidade não se dá automaticamente, uma das tarefas essenciais do projeto educativo-progressista é exatamente o desenvolvimento da inteligência crítica, insatisfeita, indôcil. Custosidade crítica que poderíamos nos defender de "racionalismos" discursivos do tipo produzidos por certo excesso de "racionalidade" de nosso tempo altamente tecnológico. É não valer a consideração nenhuma, através de filamentos humanos de negação da tecnologia e da ciência. Pelo contrário é consideração de quem, de um lado, não diviniza a tecnologia, mas, de outro, não a diaboliza. De quem se olha ou mesmo a espreita de forma criticamente curiosa.

#### 1.5 — Ensinar exige estética e ética

A necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita a distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética. Decência e boniteza de mãos dadas. Cada vez me convenço mais de que, desperta

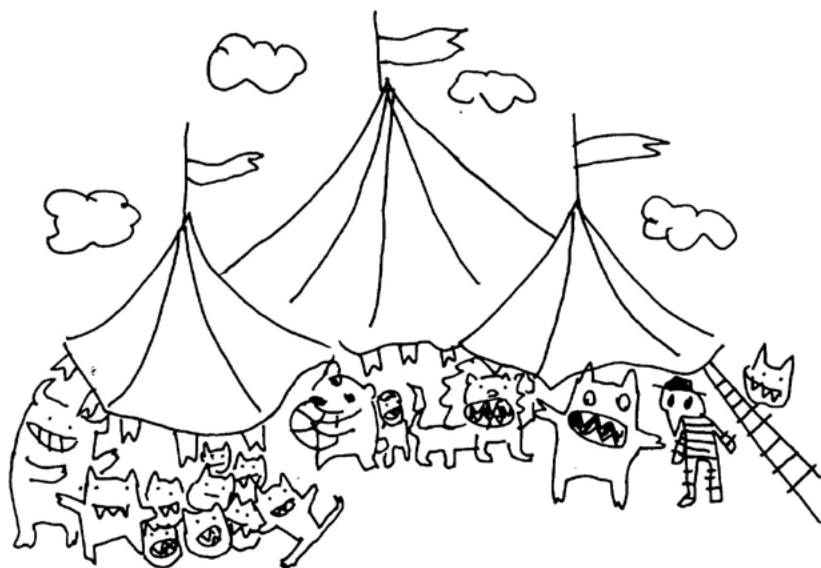
com relação à possibilidade de enveredar-se no descaminho do puritanismo, a prática educativa tem de ser, em si, um testemunho rigoroso de decência e de pureza. Uma crítica permanente aos desvios fáceis com que somos tentados, às vezes ou quase sempre, a deixar as dificuldades que os caminhos verdadeiros podem nos colocar. Mulheres e homens, seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso nos fizemos seres éticos. Só somos porque estamos sendo. Estar sendo é a condição, entre nós, para ser. Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. Estar longe, ou pior, fora da ética, entre nós, mulheres e homens, é uma transgressão. É por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substantivamente formar. Divinizar *ou diabolizar* tecnologia\* ou a ciência é uma forma altamente negativa e perigosa de pensar errado. De testemunhar aos alunos, às vezes com ares de quem possui a verdade, um rotundo desacerto. Pensar certo, pelo contrário, demanda profundidade e não superficialidade na compreensão e na interpretação dos fatos. Supõe a disponibilidade à revisão dos achados, reconhece não apenas

\* A este propósito ver POSTMAN, Neil. *Technology — The Surrender of Culture to Technology*. Nova York: Alfred A. Knopf, 1992.

Num outro cenário, em um mundo muito menos hostil que a escola convencional, eu consegui desbravar outra aventura de ensinar e aprender. O mundo continua sendo uma escola, mas um tanto diferente, pois é uma escola de circo e dança aérea, um ambiente de ensino informal e pensado para essa modalidade. A sala é ampla e iluminada pelo sol da tarde, a altura do teto é muito distante do chão que é fofinho e emborrachado, dispostos no espaço estão vários tecidos verticais e um par de trapézios pendurados e também há uma pilha de colchões.

A proposta dentro da oficina *picadeiro do imaginário* é articular as artes visuais com práticas de movimento e a dança aérea para crianças. Para isso acontecer eu utilizo materiais de desenho e pintura diversos para realizar experimentos que estimulem a criatividade, a autonomia e o trabalho em coletivo. Faça brincadeiras que estimulam a coordenação, o equilíbrio e a motricidade no solo e com o corpo pendurado.

O *mestre* conduz as propostas criativas usando a imaginação como guia, criando um espaço de acolhimento, um **asilo**, um abrigo onde toda criação é importante e legitimada.



Em 2018, eu realizei a oficina *brincar de bicho*, a ideia central era unir atividades de artes visuais e movimento em uma oficina. Nela o foco do encontro era partir de movimentos que imitavam o dos animais na natureza para realizar deslocamentos, também fazer experimentações com desenhos e deslocamentos usando giz e a imaginação. A edição contou com um encontro de noventa minutos e foi realizada em uma sala de dança no segundo andar do espaço cultural Casa Baka.

Os encontros do *picadeiro do imaginário* começam com uma atividade de mobilização corporal, um aquecimento guiado por brincadeiras. Depois disso, um momento de criação em que é realizada uma atividade de artes visuais e, por último, o contato com o equipamento aéreo de circo.

Os encontros do *picadeiro do imaginário* acontecem desde 2021 na sede do Circo Híbrido<sup>8</sup>, grupo fundado em 2004 pelos circenses Tainá Borges e Luís Cocolichio. O grupo trabalha com criação e apresentação de espetáculos, intervenções artísticas e com cursos, oficinas e aulas permanentes. Em 2007 fundou a Escola Circo Híbrido e sua sede, o Espaço Circo Híbrido, espaço cultural e artístico localizado no bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre, onde acontecem as aulas, pesquisas, cursos e workshops, apresentações, entre outras ações artísticas e de ensino.

Eu ingressei no Circo Híbrido como estudante em 2016, mais além passei a fazer parte do elenco dos espetáculos e me tornei professor em 2021. |Em paralelo às minhas atividades com o circo, iniciei uma bolsa de extensão sobre a orientação do *arquimago* Professor Doutor Carlos Carusto Camargo no NICA (Núcleo de Ins-

---

8 <https://www.circohibrido.com.br/>

tauração da Cerâmica e da Arte)<sup>9</sup>, no qual fui responsável pela condução da residência artística *Habitat*, um projeto que se dedicou a criar um espaço colaborativo para aprofundar o conhecimento em torno da cerâmica. A essência desse projeto consistia em permitir que artistas residentes desenvolvessem suas próprias obras e, ao mesmo tempo, compartilhassem suas habilidades e conhecimentos com outros membros da comunidade interessados em aprender o ofício da cerâmica.

Esse projeto oportunizou que artistas que já possuíam uma experiência e outros que nunca tinham trabalhado com cerâmica (ou sequer eram artistas) convivessem ao longo de um ano. A grande diversidade de perspectivas enriqueceu significativamente o ambiente de aprendizado, o ateliê *Habitat* tornou-se um ambiente enriquecedor, resultando em inúmeras produções artísticas e descobertas no universo do barro.

A interação entre os residentes e a comunidade local estimulou o desenvolvimento de uma linguagem pessoal, algo para além de ensinar uma técnica. Como condutor da residência, vivenciei o ensinar e aprender de novas perspectivas, discutimos a produção da cerâmica e seu principal empecilho para uma produção individual: o forno. Para além dos outros custos de materiais minérios utilizados para fazer esmaltes e engobes.

Contar com o amparo do ateliê da universidade foi fundamental para a maioria desses artistas que participaram da residência visto que poucos deles teriam acesso a um ateliê equipado. A chama foi acesa e desses encontros e interesses os participantes da residência iniciaram o movimento de autonomia para suas produções.

---

9 <https://www.ufrgs.br/nica/>





Os magos dependem de estudo intensivo para conjurar suas magias, examinando tomos antigos, debatendo teorias mágicas com seus colegas e praticando pequenas magias sempre que possível. Para um mago, a magia não é um talento, é uma arte complexa, embora gratificante.<sup>10</sup>

A transgressão tem espaço devido no ensino da arte, a **desobediência** é uma energia potencial para um processo criativo, na produção de uma obra de arte não lidamos com a ideia de certo e errado frente a um suporte: tudo são escolhas, caminhos e possibilidades de pensamento.

Um *Mago* conhece todas as possibilidades: ele entende as propriedades de cada composto da matéria bruta, ele também tem conhecimento da álgebra empírica das construções, o que faz com que levante, com maestria, esculturas enormes no barro, domina as imagens e as formas de transferir fantasmas de luz para objetos com os compostos alquímicos corretos, ele sabe manusear os revestimentos líquidos que vão fundir com a couraça das peças de cerâm-

---

10 COOK Monte pg 39

mica na alta temperatura do forno. Para chegar nesse patamar ele se dedica academicamente aos seus estudos, a suas pesquisas e seus experimentos. A inteligência da sua mente é sua principal forma de conjuração.

Por sua vez, o *mestre* lida com as possibilidades, trata a criação como experimental, bagunça a ordem dos procedimentos. Ele também conhece os fantasmas, compostos alquímicos e os revestimentos, também sabe modelar as formas, mas ele não tem pleno domínio da álgebra e do fogo, o que deixa as suas criações à vontade do caos. Seus estudos não são só da ordem acadêmica, ele se interessa por diversas formas de pensar e praticar a arte. Diferente do seu mentor, tem o corpo como principal elemento de conjuração.

homens deveriam ficar sob a autoridade de Deus e aprender a receber a autoridade delegada por Deus. Aqueles que só se relacionam com os pais e irmãos não sabem o que é autoridade e, portanto, não se encontraram ainda com Deus. Resumindo, então, a autoridade não é um assunto de instrução externa, mas uma revelação interna.

### A rebeldia é contagiosa

Há dois exemplos de rebeldia em Números 16. Do versículo 1 ao versículo 40 os líderes se rebelaram; do versículo 41 ao versículo 50 toda a congregação se rebelou. O espírito de rebeldia é muito contagioso. O julgamento dos duzentos e cinquenta líderes que ofereceram incenso não deteve toda a congregação. Continuou rebelde, declarando que matara seus líderes. Mas Moisés e Arão não podiam ordenar à terra que abrisse a sua boca! Fora ordem de Deus. Moisés não podia invocar fogo para consumir o povo! O fogo veio do Senhor Deus.

Os olhos humanos só vêem os homens; não sabem que a autoridade vem de Deus. Tais pessoas são tão atrevidas que não temem mesmo quando presenciaram o juízo. Como é perigoso ignorar a autoridade. Quando toda a congregação se reuniu contra Moisés e Arão, a glória do Senhor apareceu. Isto foi prova de que a autoridade pertencia a Deus. Deus se apresentou para executar o juízo. Começou uma praga e quatorze mil e setecentas pessoas morreram por causa da praga. No meio disso, a percepção espiritual de Moisés tornou-se mais aguda; imediatamente pediu a Arão que tomasse o seu incensário e o



## **quarta parte: mate os mestres**

Meu primeiro grande fascínio visual e meu primeiro contato com arte foram reproduções de Caravaggio, Giotto, Michelangelo presentes na bíblia ilustrada que minha mãe possuía em nossa casa no interior do estado do Rio Grande do Sul.

Por muito tempo me relacionei com essas imagens como um lugar sagrado, não só pela minha educação escolar católica, como pelo peso desses nomes na graduação de artes visuais que realizei como adulto. Imagens de gênios inatingíveis, distantes do meu cotidiano, que eu tratava com respeito e devoção.

No início da aventura de experimentar o corpo como suporte e no final da graduação de artes, interessei-me por produzir livros de artista, eu possuía alguns exemplares de catálogos e livros de arte com imagens de reproduções de artistas clássicos, havia adquirido esses objetos em sebos. Utilizei esses livros como suporte para produzir meus livros de artista.

[...], o livro de artista é um alvo móvel, ardiloso, que só pode ser atingido por correção da paralaxe de nossa ponta-

ria. A página é matéria plasmável por sua interação positiva com o texto e a imagem, e também porque é rasgada, furada, colada, feita, desfeita ou refeita, por mutilação ou reciclagem.<sup>10</sup>

*Kill the masters* é o título da série de livros de artista que investigo há algum tempo. Consiste em interferir nas reproduções de nomes consagrados da pintura, tanto em forma permanente quanto na efemeridade dos materiais, mato meus mestres, profanando suas produções não no intuito de destruí-las, mas de contar outras ficções possíveis. Os procedimentos para interferir nas páginas são: profanar, destruir e conectar deus e o diabo.

Quando realizei a exposição *O mal educado*<sup>12</sup>, também realizei uma oficina de desenho. Durante a montagem da exposição, numa tarde de domingo, recebi um grupo de crianças em idade escolar e realizamos uma atividade sensorial com respiração para ativar a criatividade, depois convidei os pequenos a brincarem com os monstros que vivem embaixo da cama, no escuro ou os escondidos dentro do armário. Como contaríamos as suas histórias? Como seria sua aparência fora do esconderijo?

As imagens deveriam ser feitas fora do papel, desenhadas direto nas paredes da galeria, desenhos que seriam repreendidos em outros espaços ali estavam autorizados, eu também me aventurei junto deles na tarefa de riscar e contar histórias em conjunto, preenchendo os espaços vazios com desenhos em conversa com as criações das crianças. A partir da realização desse trabalho, tratei de distribuir as outras peças mantendo o nível de altura dos desenhos realizados pelas crianças. Os adultos que visitaram a galeria teriam de ver os trabalhos sob essa perspectiva.

---

11 SILVEIRA, Paulo pg23

12 <https://mailsonfantinel.tumblr.com/omaleducado>



a. samir  
2020

Paralelo a isso, fiz trabalhos de ilustração para livros infantis nos anos seguintes, o que me proporcionou novos horizontes para a carreira de artista e educador. Meus experimentos em arte que até então eram mais voltados para produção de esculturas e fotografias, agora abraçavam o desenho e as artes gráficas.

Certas coisas perdem o sentido com o decorrer do tempo e, eventualmente, elas acabam tendo de ser ressignificadas. Por muito tempo fui afeito a um baralho de tarô, ele me acompanhou em muitas jornadas e sempre estive atento aos seus ensinamentos. Esse tarô continha ilustrações do gênio renascentista Leonardo Da Vinci, outro dos mestres que eu deveria matar. Diferente das outras experiências, o objeto não se tratava de um livro, ele era composto de várias cartas e muitas camadas de imagens e significados os quais eu deveria abandonar.





*A jornada mais épica do mestre feiticeiro em início distante da cidade capital, no reino onde o tempo da natureza não pertence aos homens. Lá ele percebe que há mais a descobrir sobre seus poderes mágicos do que as virtudes do afeto, asilo e desobediência. Ele é movido pelo desejo de descobrir a verdadeira origem de sua magia. O mestre então sai em uma jornada de peregrinação pelos 22 arcanos maiores do tarô, cada um representando um mistério e um desafio único.*

*Ele viaja montado nas costas do corcel celestial, montaria que pertenceu a seu pai. Carrega consigo um par de chifres na cabeça, cascos duros e ligeiros nos pés e tem braços firmes de prontidão para agarrar e pendurar. Ele também carrega consigo, seguro dentro de suas vestes, um baralho mágico.*

### **Capítulo ? – Louco**

*O mestre cavalga veloz até a ponte do rio afluente, guiado pelo primeiro dos arcanos, o Louco. Aqui ele deve abraçar suas incertezas e desbravar a aventura de descobrir seus verdadeiros poderes.*

### **Capítulo 1 – Mago**

*Ao sentir a vibração da carta soube exatamente para onde deveria ir, na estrada, logo que cruzou o rio afluente, vislumbrou o lugar onde ele nasceu e cresceu. A pequena cidade se fazia distante e ele visualizava o campo verde que se estendia até a um velho galpão lá residia sua inspiração, seu poder de criação.*

### **Capítulo 2 – Alta sacerdotisa**

*O mestre passeia pelos jardins delicados cultivados por sua mãe, lá ele é guiado pelos sussurros do lírio branco a se conectar com sua intuição e sua sabedoria interior*

### **Capítulo 3 – Imperatriz . Imperador**

*Os arcanos dentro das vestes do mestre começaram a emanar um bri-*

*lho azulado que foi aos poucos se dissipando e se concentrou em duas cartas, na sua frente ele via o túmulo de seus antepassados. Ao olhar para a lápide da matriarca da sua família, lembrou da gentileza de sua avó, entendeu como a natureza estava diretamente conectada com sua mágica e como isso se conectava com toda vida ao seu redor. Ao vislumbrar a lápide do patriarca, sorriu para o retrato do av, que lhe ensinou sobre o empenho com trabalho e a disciplina que eram necessários para dominar com plenitude os seus poderes.*

### **Capítulo 5 – Hierofante**

*Era quase o meio da manhã quando o mestre chegou nas proximidades da estrada de entrada da pequena cidade, lugar onde estava a estátua do padroeiro santo. Esse padroeiro era o arcano do Hierofante, ele traz o ensinamento da importância das tradições mágicas e de honrar aqueles que vieram antes de nós.*

### **Capítulo 6 – Enamorados**

*O mestre vai até os bosques antes da campina e é levado a desafios de dualidade e escolha propostos pelo arcano dos Enamorados. Ele é testado a tomar decisões dificeis para compreender as relações complexas dos diferentes aspectos de sua magia.*

### **Capítulo 7 – Carro**

*Na campina o desafio do arcano do Carro é lidar com as adversidades do percurso, o deslocamento por estradas dificeis, superar obstáculos e seguir jornada com um propósito maior assim compreender como a magia acontece em movimento.*

### **Capítulo 8 – Justiça**

*A tarde caia quando o feiticeiro deu a volta inteira na pequena cidade, na saída outra ponte se erguia, por baixo dela no passado passaram trens, nos dias de hoje o matagal tomava conta do que um dia foram os*

trilhos. Outra parte estava afundada numa cratera, uma lembrança do leito do rio aterrado que reivindicou seu lugar de volta, os trens tiveram de encontrar outro caminho. O ensinamento da justiça é olhar para as ações e pensar nos desdobramentos, entender o equilíbrio entre os poderes e as responsabilidades.

### **Capítulo 9 – Eremita**

O mestre procurava um lugar para se abrigar do escuro, encontrou uma fogueira em processo de construção, um velho sábio carregava galhos com dificuldades e o feiticeiro lhe ofereceu ajuda. O sábio se revelou o arcano do Eremita e o guiou em uma busca introspectiva, uma jornada pela verdade dentro de si mesmo, para que conseguisse atingir outros níveis de compreensão da magia

### **Capítulo 10 – Roda**

Os raios de sol da manhã iluminaram o topo do casebre dos assombros, a construção em ruínas já não possuía telhado, apenas vigas e escombros logo na entrada, próximo ao portão, objetos esquecidos dos antigos vivos que ali moravam. Uma roda dourada parece se equilibrar no ar ao tocar nela o feiticeiro é transportado por diversos lugares e sente uma infinidade de transformações acontecerem. O desafio da Roda é aprender a se adaptar a diferentes situações mágicas e abraçar as mudanças e constantes evoluções de seus poderes.

### **Capítulo 11 – Força**

A peregrinação segue pelas estradas e na porteira de uma fazenda o feiticeiro encontra o arcano da Força, ele exhibe árvores com feridas no tronco causadas por relâmpagos, obra de uma tempestade que outrora aconteceu. O desafio do mestre é controlar e direcionar as forças de sua magia, ele deve entender como usar sua força de vontade para controlar a magia verdadeira e suas virtudes.

## **Capítulo 12 – Enforcado**

No décimo segundo arcano, o Mestre se encontra numa antiga ruína onde vê uma árvore brotar subindo os escombros de uma parede, uma visão que desafia sua concepção de realidade. O enforcado o força a enxergar as coisas de uma diferente perspectiva, o que vai auxiliar a expandir sua concepção de magia.

## **Capítulo 13 – Morte**

Sozinho na cruz das almas, a parte central do cemitério municipal é o lugar onde o feiticeiro passa por uma profunda transformação. Ele deve deixar para trás velhas crenças e limitações, o arcano da Morte convida permitir que uma nova fase de crescimento aconteça deixando para trás as velhas convicções.

## **Capítulo 14 – Temperança**

O mestre decide fazer uma pausa para dar água a sua montaria às margens do grande rio que circula a cidadezinha. Ele contempla o arcano da Temperança, que como um alquimista, manipula forças opostas em unidade harmoniosa. O feiticeiro deve aprender a equilibrar seus poderes mágicos e harmonizar com diferentes elementos da natureza.

## **Capítulo 15 – Diabo**

O feiticeiro deve enfrentar suas próprias fraquezas e tentações mágicas, elas são a personificação do arcano do Diabo, que surge em desafio em uma encruzilhada. O mestre deve superar suas próprias inseguranças para alcançar seu mais elevado domínio da magia.

## **Capítulo 16 – Torre**

A casa de Deus é iluminada pelos raios do crepúsculo, lá o feiticeiro é confrontado por diversos eventos dramáticos que abalaram suas convicções. O desafio do arcano da Torre é encontrar força interior para

*usar a magia, crescer e se reconstruir, mesmo diante de adversidades.*

### **Capítulo 17 – Estrela**

*Um clarão de energia envolve o mestre e uma voz celestial anuncia a presença da Estrela para o mestre, ela o faz se conectar com suas mais genuínas inspirações. Ele deve se abrir para a magia de sua luz interior.*

### **Capítulo 18 – Lua**

*O cair da noite não é completamente escuro, ele é iluminado pela pálida luz do luar. Através do arcano da Lua, o feiticeiro é levado a explorar as profundezas do seu subconsciente, lá ele enfrenta seus medos e ilusões. Emergindo ao final do mergulho abissal com um entendimento mais profundo sobre si mesmo e seus poderes.*

### **Capítulo 19 – Sol**

*O mestre se encontra preenchido por clareza e confiança, uma figura radiante ilumina tudo emanando calor e tranquilidade. Ela representa o arcano do Sol e abre os braços que dissipam raios de luz para todas as direções. O feiticeiro alcança uma visão mais elevada de seus poderes, reconhecendo a importância de compartilhar sua luz com o mundo.*

### **Capítulo 20 – Julgamento**

*O desafio do arcano do Julgamento acontece nas ruínas de um antigo quartel. Ao andar pela construção o feiticeiro enfrenta um julgamento interno que o leva a confrontar suas escolhas e ações do passado. Ele deve refletir sobre seu crescimento mágico e determinar qual caminho deve seguir em frente.*

### **Capítulo 21 – Mundo**

*O último dos arcanos se apresenta depois de uma chuva de verão, des-*

*sas que logo se dissipam, então as nuvens revelam o azul no céu e o aroma da terra úmida invade as narinas do feiticeiro. Ele percebe a interconexão de todas as coisas e entende que sua peregrinação não foi apenas sobre descobrir seus poderes, também foi sobre se tornar parte de algo maior do que ele mesmo.*

*Após a jornada pelos 22 arcanos o mestre retorna ao reino capital transformado. Ele traz consigo uma concepção mais profunda de sua magia e da responsabilidade de usar seus poderes para ensinar a outras pessoas a encontrarem seus potenciais. Sua jornada não só revelou a natureza de seus poderes mágicos, ele entendeu que sempre possuiu os artifícios para utilizar sua mágica: Os chifres que lhe concedem a criatividade, seu poder mais genuíno, os cascos duros e ligeiros que usa para espiralar no chão ou saltar longe. E os seus braços firmes que utiliza para escalar os céus.*

*Essas qualidades aliadas às virtudes do afeto, asilo e desobediência são sua maneira de ensinar arte, de ver a vida e existir no mundo dos homens.<sup>13</sup>*

---

13 <https://drive.google.com/file/d/1sR9mntORsvzwn7OqXKdNkNC344EA-ia4/view?usp=sharing>



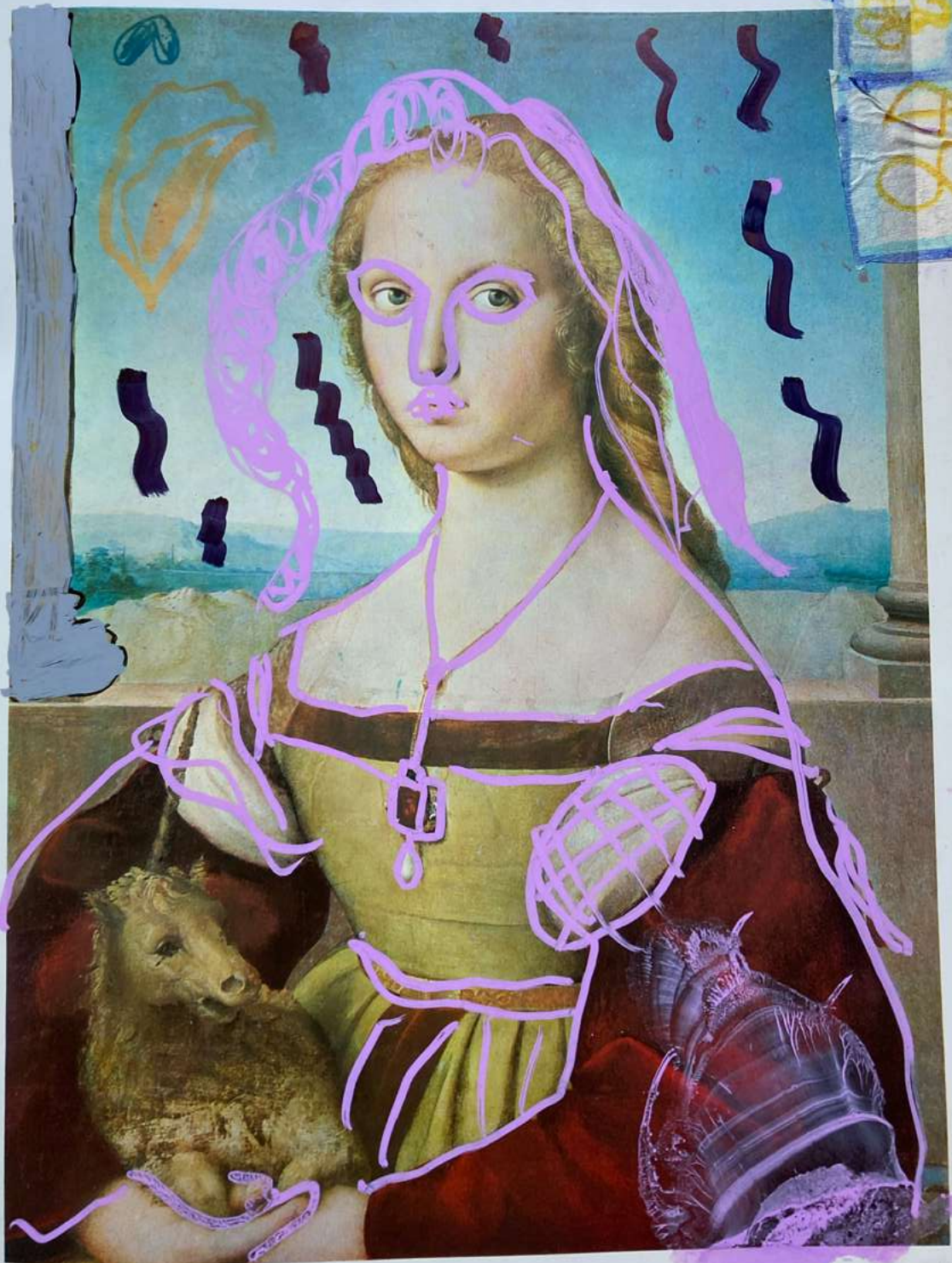
No dia do solstício de verão, Júpiter e Saturno se encontravam alinhados no céu, eu entendi esse acontecimento como um presságio para sepultar o tarô, uni as cartas dos arcanos maiores e menores com uma fita vermelha, delicadamente as embrulhei. Escolhi deixar o baralho na pequena capela vermelha erguida ao Gauchito Gil, um santo popular argentino que também é cultuado nas cidades da fronteira. Em uma das várias versões de sua lenda, ele teria sido um desertor de guerra que foi morto injustamente. Em seus santuários costumam se amarrar fitas vermelhas e pedir graças.

O gaúcho milagreiro, herói e marginal é muito diferente do padroeiro da cidade, São Patrício, que foi bispo e tem uma catedral erguida na praça da cidade como a tradição católica manda. A singela capelinha na beira da estrada sempre atraiu minha atenção, mas em todos os meus anos de vida nunca tive coragem para olhar lá dentro. A imagem do gaúcho encontrava-se quase escondida pelas várias fitas presas à grade que a protegia em um pequeno altar, ali aos pés da estátua as cartas encontram seu destino final.<sup>14</sup>

---

14 [https://drive.google.com/file/d/1TR7sXQY9ANrXB6KYp\\_2LGO1IIVVOdz0cq/view?usp=drive\\_link](https://drive.google.com/file/d/1TR7sXQY9ANrXB6KYp_2LGO1IIVVOdz0cq/view?usp=drive_link)











## epílogo

O que é essencial para mim  
na vida?

PRAZER - tristeza; dor; aflição.

O que é essencial para mim  
na arte?

MAESTRIA - imperfeição.

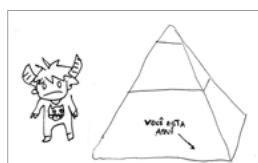
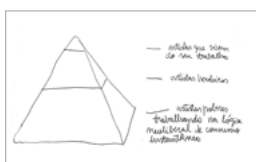
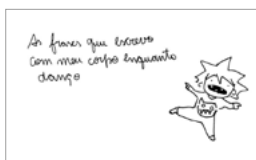
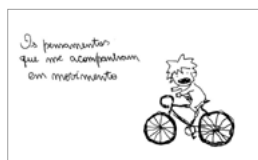
Quando arte e vida se  
misturam?

PASSADO - futuro; porvir.

# lista de imagens



Maílson Fantinel: sem título, intervenção sobre boletim escolar: 14,8 x 21 cm 2023

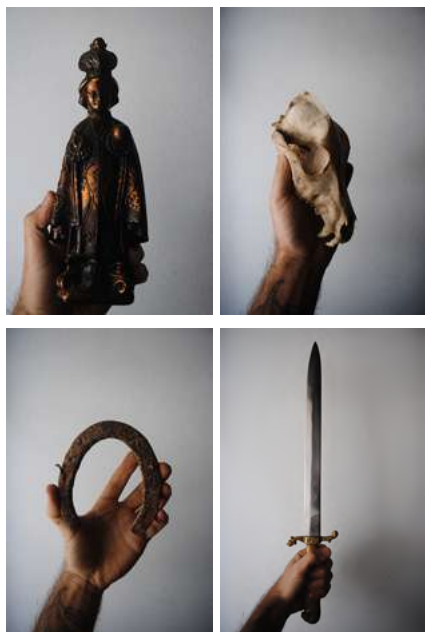


Maílson Fantinel: diversos, desenho digital 2021





Maílson Fantinel:  
Necromancia, desenho  
digital 2021



Maílson Fantinel: sem  
título, fotografia digital  
2023





Maílson Fantinel:  
*Samael* (série) desenho  
 digital, 2021



Maílson Fantinel: sem título,  
 desenho digital 2021



Maílson Fantinel: *Recreio*, pintura  
 sobre madeira 70 x 45 cm 2019



Maílson Fantinel: *Brincar de bicho*,  
desenho digital 2023



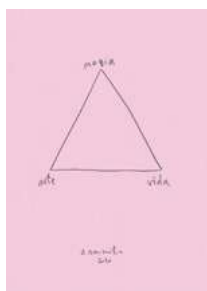
Maílson Fantinel: sem título,  
livro de artista 17 x 11 cm 2020



Maílson Fantinel: sem título,  
desenho digital 2021



Mailson Fantinel: sem título, desenho digital 2023



Aitor Saraiba: Arte. vida.  
Magia, Grafite sobre papel de 100gr.2020.



Mailson Fantinel: sem título, fotografia digital 2021



Mailson Fantinel e diversos artistas Kill the masters: Raffaello, livro de artista 35 x 27 Cm, 2023

# referências bibliográficas

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp.20-28.

FANTINEL, Mailson. Fragmento de texto publicado Grupo experimental 10 anos -Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre; org. Airton Tomazzoni e Paula Finn: Canto cultura e arte editora, 2018

FANTINEL, Mailson. O tempo da natureza não pertence aos homens, trabalho de conclusão de curso,2013.

JONKO, Anna DIÁRIO GRÁFICO: A procura de uma expressão particular, trabalho de conclusão de curso, 2014.

NEE, Watchman. Autoridade Espiritual / Watchman Nee; tradução Yolanda M. Krievin - 4ª ed. São Paulo: Editora Vida, 1992

SILVEIRA, Paulo. A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista. 2º ED. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2008.

FREIRE Paulo, Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa/ Paulo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura)

Keleman, Stanley Mito e corpo: uma conversa com Joseph Campbell / Stanley Keleman [tradução Denise Maria Bolanho; ilustrações Stanley Keleman]. - São Paulo: Summus, 2001. pg 33.

COOK Monte. Dungeons & Dragons : Livro do Jogador : Livro de Regras Básicas, V.3,5 / Monte Cook, Jonathan Twet, Skip Williams : [Tradutores Marcelo de Souza Stefani e Bruno Cobbi Silva; Revisões Douglas Ricardo Guimarães] - São Paulo : Devir 2004.

JACKSON, S. GURPS Módulo básico. 2. ed. São Paulo: Devir, 1994.

Web:

<http://www.aitorsaraiba.com/> acesso Agosto de 2020

<https://www.cultura.gob.ar/santos-populares-gauchito-gil-8664/> acesso agosto de 2023

Esse trabalho foi revisado  
por **Ana Carolina Klacewicz**,  
diagramado por **Luiza Rabello**  
e foram utilizadas as fontes  
Quasimoda e Edita.

BIMESTRES	DISCIPLINAS	Português	Ed. Física	E. Artística	Geografia	História	Ciências Físicas e Bio.	Matemática
		1º BIM.	NOTAS	85	90	90	66	68
	Presenças	30	31	-	36	36	28	56
	FALTAS	-	-	-	-	-	-	-
	Aulas Dadas	-	-	18	-	36	28	56
2º BIM.	NOTAS	66	20	92	82	98	87	78
	Presenças	53	26	19	28	30	28	39
	FALTAS	-	-	-	04	-	04	03
	Aulas Dadas	53	26	19	32	30	32	42
3º BIM.	NOTAS	84	80	90	86	77	CEM	92
	Presenças	56	29	14	30	30	30	42
	FALTAS	-	02	01	02	03	-	05
	Aulas Dadas	56	31	15	32	33	30	47
4º BIM.	NOTAS	85	80	96	94	91	CEM	65
	Presenças	39	38	28	28	30	36	57
	FALTAS	02	-	-	02	-	-	03
	Aulas Dadas	41	38	28	30	30	36	60



DISCIPLINAS	Português	Ed. Física	E. Artística	Geografia	História	Ciências Físicas e Bio.	Matemática	E. Religioso
	Média dos	80	82	92	82	83	88	77
Bimestres Presenças	198	124	79	122	126	122	194	39
Faltas	02	02	01	08	03	04	11	02
Aulas Dadas	200	126	80	130	129	126	205	41
% de Frequência	99	98	99	94	98	97	95	95
Nota de Recuperação Terapêutica	-	-	-	-	-	-	-	-
Nota Final	80	82	92	82	83	88	77	87
% da Recuperação	-	-	-	-	-	-	-	-

Resultado Final:

Média

Aprovado

Após

Recuperação

Reprovado

Assinaturas dos responsáveis:

1º Bimestre

2º Bimestre

3º Bimestre



*[Handwritten signatures in purple ink]*

lecerão contra a igreja, mas um espírito rebelde abre suas portas. Um dos motivos por que a igreja às vezes não prevalece é a presença da rebeldia. A terra não abrirá sua boca se não houver um espírito rebelde. Todos os pecados libertam o poder da morte, mas o pecado da rebeldia é o principal. Só os obedientes podem fechar as portas do inferno e produzir vida.

### Os obedientes seguem a fé, não a razão

Para os israelitas a queixa de que Moisés não os tinha levado para uma terra que mana leite e mel, nem lhes tinha dado uma herança de campos e vinhas, não era sem motivos. Continuavam no deserto e a terra não tinham entrado na terra do leite e mel. Mas, por favor, observe; aquele que anda seguindo a razão de vista segue o caminho da razão; só aquele que obedece a autoridade entra em Canaã pela fé. Ninguém que segue a razão pode andar pelo caminho espiritual, porque está aém e acima do raciocínio humano. Só o fiel pode desfrutar de abundância espiritual, aquele que pela fé aceita a coluna de nuvem e de fogo e a liderança de autoridade delegada por Deus como a representada por Moisés.

A terra abre sua boca para apressar e queda dos desobedientes no Sheol, por estarem viajando pelo caminho da morte. Os olhos dos desobedientes são bastante vivos, mas, que pena! tudo o que vêem é a esterilidade do deserto. Embora os que prosseguem pela fé possam parecer cegos, pois não percebem a esterilidade diante deles, os